II Congresso Nacional de Formação de Professores
XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores

Trabalho Completo

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL.

Paulo Roberto Brancatti

Eixo 5 - A formação de professores na perspectiva da inclusão
- Relato de Experiência - Apresentação Oral

Esse texto relata as aulas desenvolvidas pelo projeto que teve como objetivo incluir os alunos com deficiência visual às diversas possibilidades didáticas e metodológicas da educação física escolar e a partir disso, garantir o acesso às práticas desportivas escolares. A metodologia utilizada é de natureza pedagógica e contou com a participação de dois discentes do Curso de educação física da FCT/UNESP de Presidente Prudente subsidiados com bolsas do Núcleo de Ensino da Pró Reitoria de graduação da Universidade Estadual Paulista. Foram realizados dois encontros semanais na Escola e um encontro semanal para preparação das aulas junto com o Professor coordenador. O projeto atendeu seis alunos com deficiência visual com as seguintes atividades: exercícios que estimulam à coordenação psicomotora, o equilíbrio, a lateralidade, a independência em locomoção, a noção de espaço-tempo e a integração entre os alunos. Observa-se, no entanto, que durante a elaboração e a prática das atividades, encontraram-se algumas dificuldades na execução e no desenvolvimento devido às características próprias da deficiência visual, em relação ao encurtamento muscular e atitudes hipertônicas tornando os movimentos corporais limitados. Como resultados já alcançados, podemos relatar a melhoria do desenvolvimento dos aspectos citados acima, que compõem as capacidades motoras, emocionais, afetivas e interpessoais. Contudo, devido a grande necessidade da percepção tátil ser mais exigida, as ações da educação física resultam em respostas satisfatórias quanto ao seu envolvimento nas atividades propostas. E como conclusão preliminar, reafirmamos que nesse mundo atual, devemos considerar os corpos que nele habitam acompanhados de seus movimentos, expressões e sentimentos, um corpo que também vai à escola

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Prof. Paulo Roberto Brancatti; Camila Casemiro Rosa; Gustavo Pedro Vales.
FCT/Presidente Prudente

Introdução

Esse texto é composto por três momentos de reflexão, sendo que a partir da experiência com alunos com deficiência visual, procuraremos informar ao leitor sobre as diversas possibilidades de inclusão e atuação na área do desenvolvimento motor e afetivo para pessoas cegas e com baixa visão.

Num primeiro momento, o texto discorre sobre a dinâmica de uma aula de Educação Física Escolar e de como suprir a lacuna em atender um aluno com deficiência nessa aula. Para isso, baseamos em autores e propostas que discutem o tema e propõem sugestões de trabalho. Num segundo momento, fizemos uma abordagem da Educação Física e o deficiente visual e a aprendizagem pedagógica, procurando não esgotar o tema, já que há diversos autores que estudam o tema e por isso, focalizamos esse texto na experiência didática junto aos alunos da Escola onde o projeto é desenvolvido.

No terceiro momento do texto, fizemos uma discussão sobre o movimento corporal e cultural enfatizando que a expressão corporal define e indica as ações que o corpo pode fazer e também fizemos uma reflexão do corpo como objeto de estudo do profissional da Educação Física.

Como discussão e possíveis conclusões do texto, afirmamos que existem diversas possibilidades de atuação do profissional da Educação Física junto à população com deficiência visual. Cabe a esse profissional, entender a relevância do trabalho e baseado na literatura, adquirir informações básicas do grupo de alunos que irá trabalhar.

A inclusão e a Escola

Quando olhamos para uma aula regular de Educação Física, vemos crianças e jovens adolescentes brincando, correndo, saltando, jogando, dançando, lutando, participando e envolvendo-se com as atividades da aula. E se tivesse um aluno deficiente nesta turma e ele quisesse participar da aula, como ele poderia realizar as atividades? Qual seria a atitude do professor? Como seria a reação dos demais alunos perante o fato? A quais situações estaria exposto o aluno deficiente? Qual adaptação poderia ser feita para atender esse aluno?

Por desconhecimento, receio e até preconceito, a maioria dos alunos com alguma deficiência, tende a ser excluídos das aulas de Educação Física escolar. E o professor por não ter conhecimentos sobre o assunto, tende a deixa-lo de lado sem esforçar-se para superar aquela situação e envolver os demais alunos para que o mesmo se integre socialmente, principalmente na escola.

O Parâmetro curricular nacional da Educação Física (1998) e outros autores como Silva, Araújo e Seabra Júnior (2008), Mello e Winckler (2012), Rodrigues (2006) discutem em seus textos a participação efetiva dos alunos com deficiências nas aulas regulares de Educação Física escolar, afirmando que a participação na aula pode trazer muitos benefícios, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento das capacidades perceptivas, afetivas, motoras, integrativas e de inserção social, o que permite nesse aluno ter mais consciência da sua capacidade corporal, em busca da sua independência e melhor postura na vida.

Nos dizeres de Silva, Araújo e Seabra Júnior,

> ... a idéia de uma educação física para todos está implícita à medida que elas contemplam em seus conteúdos questões como pluralidade cultural, atenção à diversidade, capacidade e competências, deficiência física, bem como atividades culturais de movimento (conhecimento do corpo, habilidades motoras, esportes, atividades rítmicas e expressivas, etc...). (2008)

Mas o professor de Educação Física precisa saber algumas coisas que são importantes para ter um bom relacionamento com as pessoas deficientes. Em primeiro lugar, ele deve saber o tipo de necessidade especial que o aluno tem, pois existem diferentes tipos e graus de limitações que requerem procedimentos específicos (paraplégicos, tetraplégicos, amputados, cegos, surdos, intelectuais e outras especificidades). Em segundo lugar, como proceder para garantir a participação do aluno deficiente nas aulas. O professor deve ser flexível, fazer as adequações e adaptações necessárias no plano gestual, nas regras das atividades, na utilização de materiais e do espaço para estimular, tanto o aluno deficiente como no grupo, todas as possibilidades que favoreçam o princípio da inclusão.

E em terceiro lugar é em relação a situações de vergonha e exposição que os deficientes tem em relação à aula e às demais pessoas do grupo. A maioria destas pessoas tem traços e características fisionômicas, alterações morfológicas ou problemas de coordenação motora que as destacam das demais. Uma atitude positiva do grupo em relação às diferenças é algo a ser construída na convivência e que dependerá muito da postura pedagógica que o professor adotar naquele momento.

A aula de Educação Física deve favorecer a construção de uma atitude digna e de respeito próprio à diversidade das pessoas deficientes e a convivência com eles pode

possibilitar a construção de atitudes de solidariedade, responsabilidade, respeito e aceitação, sem preconceito.

Nas aulas de Educação Física escolar devem propiciar meios para viabilizar e facilitar o processo de inclusão e que levam necessariamente a refletir sobre o papel da Educação Física na escola, bem como a ação educativa do professor e para isso, torna-se importante que o professor tenha em mente que na sociedade atual as ações devem contemplar todos os alunos nas aulas.

Nesse sentido, cabe entender que,

> É oportuno lembrar que estamos nos referindo à educação física em um processo de educação escolarizada, e isto nos remete ao compromisso com a aquisição de conhecimento, em que o professor deve estar devidamente preparado para assegurar a consecução dos objetivos e as demandas do processo de ensino aprendizagem". (Silva, Araújo e Seabra Júnior, 2008)

A inclusão, como processo social amplo, vem sendo discutida mundialmente desde 1950. Na inclusão pensa-se na modificação da sociedade como pré-requisito para que a pessoa deficiente possa buscar seu desenvolvimento e exercer a cidadania (SASSAKI, 1997). A inclusão é um processo amplo, com transformações pequenas e grandes, nos diversos ambientes e na mentalidade das pessoas, inclusive as pessoas deficientes. É também a garantia, a todos, do acesso contínuo ao espaço comum de viver em sociedade. Uma sociedade que congrega o principio da diversidade, de aceitação das diferenças, de esforço coletivo na equiparação das oportunidades em todas as dimensões da vida.

A escola, como espaço de ação entre as pessoas que a freqüentam, tem sido alvo de várias reflexões e debates. A idéia nos remete às dimensões físicas e atitudinais que permeiam a área escolar, como diversos elementos que alimentam a exclusão das pessoas deficientes, como a arquitetura, engenharia, transporte, experiências, conhecimentos, sentimentos, comportamentos, valores, etc... Esse espaço escolar torna-se complexo e de difícil solução uma vez que não são pensados e construídos conforme a realidade das pessoas que necessitam de acesso especial na mesma, seja em aulas regulares como atividades extras da comunidade onde as pessoas em geral podem freqüentar a escola. A partir disso, a discussão de uma escola para todos tem suscitado inúmeros debates sobre programas e políticas de inserção de alunos deficientes na escola. A grande polêmica está centrada na questão de como promover a inclusão na escola, de forma responsável e competente. (CIDADE, 2002).

Nessa situação de inclusão é preciso, como forma adicional, considerar as especificidades da população associadas às estratégias que serão utilizadas. Com base

nestas reflexões, o professor de Educação Física poderá conhecer as necessidades, os interesses e as possibilidades de cada aluno e de cada grupo a ser trabalhado por ele. Existem uma infinidade de fatores que influenciam na aprendizagem dos alunos deficientes, entre elas, as características das respostas motoras, o sujeito que aprende, a aprendizagem prévia, o conteúdo da aprendizagem e as estratégias de ação. Não existe nenhum método, ideal ou perfeito, da educação física que se aplique no processo de inclusão, porque o professor sabe e pode combinar numerosos procedimentos para remover barreiras e promover a aprendizagem dos seus alunos.

O objetivo da Educação Física adaptada é oferecer atendimento especializado aos educandos deficientes, respeitando as diferenças individuais, visando proporcionar o desenvolvimento global dessas pessoas, tornando possível não só o reconhecimento de suas potencialidades, como também, sua integração social.

Propiciar desenvolvimento global envolve ações que ajudem os indivíduos deficientes a atingir a adaptação e o equilíbrio que requer sua deficiência; identificar as capacidades e necessidades de cada educando quanto as suas possibilidades de ação e adaptações para seu movimento; facilitar sua independência e autonomia, bem como apoiar no seu processo de inclusão e aceitação em seu grupo social. E todo programa de Educação Física para alunos deficientes deve permitir ao aluno a compreensão de suas limitações e capacidades, auxiliando-os na busca de uma melhor adaptação ao meio.

O campo de atuação da Educação Física adaptada, na oportunidade nomeada como especial é muito recente. Ganhou forças durantes a década de 1980 e a partir dessa demarcação, o esporte foi inserido na prática cotidiana das pessoas com deficiência, principalmente nas Instituições de atendimento às pessoas com deficiência, mas ainda hoje, está firmando-se como área de conhecimento e pesquisa em relação às pessoas deficientes. Mello e Winckler (2012), demonstram que durante os anos 80 e 90, a prática do esporte foi difundida entre as pessoas com deficiências a fim de oportunizar o acesso a uma modalidade desportiva decorrente, como o atletismo e a natação. E por isso, o esporte pode ser o ponto de partida para a inserção dessas pessoas e o professor deverá entender esse processo como uma ação dinâmica em relação à educação dos mesmos.

Dessa maneira, o professor deverá saber desenvolver programas de atividades físicas e esportivas, estudar e pesquisar as capacidades motoras, pensando numa forma de incluir as pessoas em seu meio social, não esquecendo as diferenças individuais, os mitos, os preconceitos produzidos e perpetuados historicamente na sociedade, onde estas pessoas são caracterizaras como seres segregados e incapacitados no momento de assumir responsabilidades e compromissos como cidadãos.

A partir deste entendimento e procurando pensar no papel da Educação Física nas escolas, reforçamos a idéia de que trabalhar junto às estas pessoas, nesta realidade é uma tarefa difícil e desafiadora, porém de muita satisfação ao percebermos que uma pessoa com certo grau de comprometimento motor consegue desenvolver uma tarefa e superar suas dificuldades com muito esforço e dedicação. (BRANCATTI, 1999).

Educação Física e o deficiente visual.

A Educação Física para alunos com deficiência visual não se diferencia da educação escolar quanto ao método e sua aplicabilidade em aula e quanto à delimitação se dá a sua acuidade visual, amplitude da área alcançada pela visão e limitação da sua mobilidade corporal.

Ao lecionar educação física ao aluno com deficiência visual, não devemos esquecer de que ele consegue fazer várias das mesmas atividades físicas que os seus colegas que enxergam fazem. (WINNICK, 2004). Nesse sentido, o professor pode oferecer ao aluno d.v. oportunidades de participarem da aula em iguais condições aos demais, adaptando atividades, jogos e modalidades desportivas.

Uma pessoa é considerada cega quando não se tem nenhuma percepção luminosa em ambos os olhos até a percepção da luz, com incapacidade de reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância ou direção (20/200). Já as pessoas com resquícios de visão tem um campo visual inferior a cinco graus ou uma acuidade visual de 2/60 a 6/60. (Mello e Winckler, 2012)

Mesmo a pessoa com visão sub-normal também necessita de instrução em Braille e como portador de visão sub-normal àquele que lê tipo impressos ampliados ou com auxilio de potentes recursos ópticos.

Na Educação Física pode ser feitas modificações quanto aos materiais didáticos e pedagógicos, utilizando-se, por exemplo, a cor da bola para um tom que tenha contraste mais forte com plano de fundo e também num tamanho ampliado, bolas com guizo, barbante para delimitação da quadra poliesportiva, vendas para todos ficarem na mesma condição de igualdade na aula, utilização de colegas tutores, e outros materiais como, bamboles, cones, cordas e vários tipos sonoros (voz, palmas das mãos, pés).

A falta de visão não acarreta diretamente nenhuma característica motora ou física, porém as reduzidas oportunidades de movimentação, à falta de experiências motoras em diversos níveis comprometem o desenvolvimento motor entre os alunos cegos. (WINNICK, 2004).

> Outro aspecto importante a ser considerado diz respeito ao controle tônico, sendo estimulado através de atividades que exijam equilíbrio

> dinâmico e estático. Esse investimento vai favorecer o aluno a controlar seu tônus muscular em diferentes situações, pois a tonicidade garante as atitudes, às posturas, as mímicas, às emoções etc., de onde emergem todas as atividades motoras humanas (FONSECA, 1995 p. 121 e MELO, 2004 p. 122).

No trabalho sobre controle tônico, é importante observar os exercícios de equilíbrio e seu grau de dificuldades para que o deficiente visual possa apreender e desenvolver as atividades com mais segurança. Alguns exercícios favorecem essa condição como, andar na ponta dos pés, ficar em pé com um apoio, andar sobre um banco sueco, pular certa distância com dois pés ou em um só, pular cordas, correr de forma alternada, realizar deslocamento corporal e fazer alongamentos. O desafio está em criar mecanismo para que esse aluno consiga paulatinamente, conquistar tanto mais domínio de movimento corporal, quanto confiança para executa-los.

A Educação Física adaptada às pessoas cegas trabalha abrangendo o seu desenvolvimento. Ela utiliza o corpo da pessoa cega como instrumento, como ferramenta. Partindo do conhecimento e domínio desse corpo, ela usa o movimento controlado como meio de interação e compreensão daquilo que a cerca. O respeito à individualidade do aluno, o prazer de descobrir o que se pode fazer com seu corpo, a orientação e mobilidade, permite propiciar condições a sua trajetória de vida e futuramente com condições de relacionar com as tarefas do cotidiano.

A Escola

A Escola onde se desenvolve o projeto localiza-se em Presidente Prudente e é de Ensino Fundamental e Médio e congrega em seu quadro discente 778 alunos e docentes um total de 56. A Escola possui duas salas de recursos que atende 40 alunos com deficiência visual e auditiva e têm em seu quadro de funcionários 29 pessoas.

O trabalho desenvolvido pelos alunos do Curso de Educação Física da FCT/Unesp e bolsistas do Núcleo de Ensino tem como objetivos, promover encontros com os alunos que possuem deficiência visual e propor a eles ações metodológicas e pedagógicas de intervenção na Educação Física na perspectiva da inclusão desportiva. E para isso, realizam-se dois encontros semanais de duas horas cada onde são desenvolvidas atividades que propiciam o desenvolvimento global que os ajudem a atingir a melhoria da condição motora dos indivíduos como a coordenação, o equilíbrio, a agilidade, a força, a destreza e a tonicidade muscular. Todo um programa de educação física destinada às pessoas com deficiência visual deve permitir ao aluno a compreensão de suas limitações e capacidades, auxiliando-os na busca de uma melhor adaptação ao meio acadêmico e social.

No caso especifico desse projeto, denominamos as pessoas com deficiência visual como aquela que tem a cegueira total ou simplesmente amaurose, com perda total da visão. Já aquelas que possuem visão subnormal denominamos as pessoas que necessitam de auxilio e possuem recursos ópticos. Nesse sentido, em ambos os casos, os alunos da Escola Professor Hugo Miele, necessitam de pessoas que os auxiliem nas atividades programadas na área da Educação Física. São proporcionadas aulas que atendem alunos com deficiência visual classificados no esporte como B1, B2 e B3.

As atividades desenvolvidas durante os encontros em 2012 e 2013 compreenderam-se entre as que trabalhavam aspectos do desenvolvimento motor, como deslocamentos por entre os objetos distribuídos na quadra; corridas utilizando-se de um cordão de apoio com o monitor; atividades com bolas de guizo passando por entre as pernas semiflexionadas e também no alto por cima da cabeça; pequenos saltos com os pés juntos e separados; rolamentos utilizando-se de um colchão disponível na Escola para as aulas de Educação Física e atividades conjuntas onde o grupo realizava de forma recreativa com as bolas.

Na quadra da escola, são desenvolvidas dinâmicas que envolvem as cinco capacidades motoras, como a lateralidade, a coordenação, a agilidade, a força e a velocidade. Juntamente com o trabalho de coordenação, trabalhamos a questão da localização espacial e temporal. Em relação à tonicidade muscular e seu gasto calórico, foram montados circuitos de força e aeróbicos, com os recursos materiais da escola para obter melhores resultados na execução das atividades.

Foram realizados alongamentos como meio de propiciar melhorias na tonicidade muscular, já que os alunos apresentavam rigidez corporal e isso, contribuiu de certa maneira na melhoria dos movimentos exigidos nas atividades aplicadas.

Utilizamos o recurso das brincadeiras e jogos para eles não vivenciados em aulas regulares de Educação Física, como o pega-pega, morto/vivo, jogar bola ao alto e para o companheiro, pequenas corridas em duplas, com o uso do cordão para auxiliar e diversas dinâmicas utilizando-se de palmas das mãos, voz e músicas.

O equilíbrio de uma pessoa com deficiência visual é bem prejudicada devido a sua tonicidade muscular ser fragilizada e o corpo ser inseguro e por isso, nas aulas procuramos dar sentido na questão da autonomia da marcha, mais precisamente nas capacidades motoras em relação à orientação e mobilidade. E por fim, a compreensão de que a Educação Física trabalha a corporeidade dos sujeitos inseridos às práticas sociais, defendemos então, uma ação educativa entre os estudantes a partir do conceito de cultura corporal de movimento, uma tendência que vem ganhando forças atualmente na área da Educação Física Escolar.

Movimento Corporal

É pelo movimento corporal que a pessoa humana interage com o meio ambiente e ampliam sua relação com o mundo, a natureza e os outros homens. É através do movimento que as pessoas expressam sua afetividade, se manifesta e age sobre as coisas do mundo, descobre quem são e o que são capazes de fazer, além de expressar sua criatividade e solucionar alguns dos seus problemas existenciais e motores. Por meio do movimento, o homem aprimora seu domínio motor, afetivo, cognitivo, social e cultural, interferindo em seu meio, transformando ou não os mesmos para sua sobrevivência.

Quando pensamos nas pessoas com deficiências e nos movimentos que elas

o encontro de uma interação do sujeito com o mundo. Todo corpo se move com uma intenção determinada. Isso acontece, por exemplo, no ato de arremessar uma bola em um alvo. Nesta ação executada, o sujeito interage com o meio objetivo, ou seja, conforme explicita GONÇALVES (1994, p. 147):

> Em todo movimento, o sujeito que o executa forma com o objetivo (arremessar no alvo) uma totalidade, que se reestrutura a cada instante, conforme se modifica a percepção do objetivo (distância, ângulo de arremesso, etc) do próprio sujeito que arremessa (posição das mãos, dos pés, força necessária etc.) do objetivo a ser arremessado (peso da bola, forma, etc.) e da mútua relação.

E a Educação Física para pessoas deficientes visa explorar as possibilidades naturais do corpo em todos os seus sentidos que se constituem em uma apropriação do espaço e do tempo, onde posturas, gestos corporais, intenções, regras, sejam trabalhadas de forma progressiva e dinâmica envolvendo toda experiência e significados da corporeidade.

O sentido corporal é o sentido do movimento humano, pois o andar, correr, flexiona, lançar, arremessar, empurrar, chutar, refletem a condição corporal de cada indivíduo para a materialização do movimento em todos os seus sentidos.

A consciência corporal visa esse entendimento descrito, pois na medida em que o professor trabalha esses conceitos, será capaz de entender as sensibilidades e expressões gestuais que o corpo revela em todos os momentos da vida.

> O que vejo, o que toco, o que ouço, saboreio ou cheiro são as coisas que entram em mim. E eu as devolvo para o mundo quando me expresso. Mas eu as devolvo transformadas (...). Expresso-me também quando ouço, quando corro, quando sento, chuto uma bola ou danço. Também me expresso quando fico imóvel, quieto, quando nada faço; posso expressar meu não-fazer". (DE MARCO A p. 39)

A partir da consciência corporal, o aluno poderá experienciar o mundo corporalmente, pois o corpo está e ocupa o espaço; poderá experienciar o corpo como relação com outro corpo e perceber como os movimentos são percebidos numa relação de trocas com os gestos corporais.

A corporeidade para o professor de Educação Física em relação aos seus alunos precisa vivenciar o sentido da ação motora, indagando e compreendendo o corpo que sente, expressa, comunica e cria significados no aprendizado dos gestos motores, com o meio social e com as experiências significativas dos alunos.

Dentro deste raciocínio e pensando nas pessoas deficientes, a prática de atividades físicas deve incluir a estimulação de todos os sentidos, fazendo com que seus conhecimentos e as transformações ocorridas em seu corpo, favoreçam as ações concretas de sua existênciar

E por fim, a motricidade é o meio de relação sujeito/mundo. O resultado satisfatório dessa relação só será possível por meio das ações corporais que frutifiquem em evoluções motoras, intelectuais, afetivas e sociais. Nesse sentido, a função social da Educação Física deve ser centrada em contextualizar suas atividades de influir no desenvolvimento do deficiente visual, ampliando seu repertório motor e, conseqüentemente, organizando sua vida. (MELLO, 2004).

E como conclusão preliminar desse texto, afirmamos que foi importante o trabalho desenvolvido em 2012 e 2013, e que poderá propiciar momentos de grande valia aos alunos da Escola, com possibilidades de participarem da Paralimpiadas escolares realizadas anualmente pelo Comitê Paralimpico Brasileiro, além, é claro de contribuir com a formação dos futuros profissionais da Educação Física contemplando dessa maneira, a área do esporte adaptado que vem numa crescente no país.

Referencias

BRASIL. Secretaria de educação fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: educação física/Secretaria de educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de educação fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: educação física/Secretaria de educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. Caderno de texto do curso de capacitação de professores multiplicadores em educação física adaptada/Secretaria de Educação Especial – Brasília: MEC; SEESP, 2002.

CIDADE, R. E. A. & FREITAS, P. S. Introdução à educação física e ao desporto para pessoas portadoras de deficiência. Curitiba: ED. UFPR, 2002.

DE MARCO, A,(Org.) Pensando a educação motora. Campinas: Papirus Editora, 1995.

GALLO, S. (Org.) Ética e Cidadania: caminhos para a filosofia. Campinas: Papirus Editora, 1997.

GONÇALVES, M.A. S. Sentir, pensar, agir. Corporeidade e Educação. Campinas: Papirus Editora, 1994.

MANZINI, E. J. & BRANCATTI, P. R. Educação especial e estigma: corporeidade, sexualidade e expressão artística. Marília: Unesp Marília Publicações, 1999.

MEDINA, J. P. S. A educação física cuida do corpo... e " mente". Campinas: Papirus Editora, 1983.

MELLO, M. T. De e WINCKLER C. Esporte Paralimpico, São Paulo Editora Atheneu, 2012.

MERLAEU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RODRIGUES, D. Atividade motora adaptada – a alegria do corpo. São Paulo: Artes médicas, 2006.

ROSADAS, S. C. Fundamentos da avaliação e aplicabilidade de programas sensórios motores em deficiências. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu Editora, 1991.

SILVA, R. F; SEABRA JUNIOR E ARAUJO, P. F. Educação física adaptada no Brasil: da história a inclusão educacional. São Paulo: Phone, 2008.

WINNICK, J. P. Educação Física e Esportes Adaptados. Barueri SP, 2004